

UMA NOVA BANDEIRA

ENTREVISTA À frente do Movimento Nossa São Paulo, **Oded Grajew** quer melhorar a qualidade do combustível do País

PAULA PACHECO

Oded Grajew é o melhor retrato do empresário preocupado com temas sociais. Nos últimos 17 anos, foram raras as iniciativas socioambientais do empresariado que não tenham sido lideradas por ele ou que não tenham recebido seu apoio entusiasmado. Em 1990, Grajew criou a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, que auxilia cerca de 1 milhão de crianças. Em 1998, foi um dos fundadores do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, do qual é presidente do conselho deliberativo. O empresário também é membro do Conselho do Pacto Global, das Nações Unidas, e do Conselho de Desenvolvimento Social e Econômico. Além disso, foi um dos idealizadores do Fórum Social Mundial, um contraponto ao Fórum Econômico de Davos.

A mais recente empreitada é o Movimento Nossa São Paulo, do qual é presidente. A ONG, lançada em maio, baseia-se em experiências internacionais e almeja melhorar o nível do debate político no País, por meio da elaboração de indicadores e metas de desempenho a ser adotadas pelos governantes. "É preciso comprometer a sociedade e os diferentes governos, de maneira sustentável", diz Grajew. Apartidário e objetivo, o Nossa São Paulo já elegeu os primeiros problemas a se combater, a qualidade do combustível no País e a falta de estímulo ao transporte público. Agora ele entrou na luta para que a Agência Nacional do Petróleo (ANP) cumpra a resolução 315/2000, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), que determina a diminuição da quantidade de enxofre no óleo diesel. A mistura brasileira, altamente poluente e prejudicial à saúde,

tem um índice de enxofre bem acima da de países desenvolvidos. Quem paga a conta, além das 3 mil vítimas que morrem todos os anos por conta da má qualidade do ar, é o governo, responsável pelas despesas do tratamento dos pacientes no Sistema Único de Saúde (SUS).

O Nossa São Paulo quer aproveitar o Dia Mundial Sem Carro para promover um debate a respeito do assunto. A *CartaCapital*, Grajew falou desta e de outras iniciativas da ONG.

CartaCapital: O que pode acontecer com a proliferação de organizações como o Movimento Nossa São Paulo?

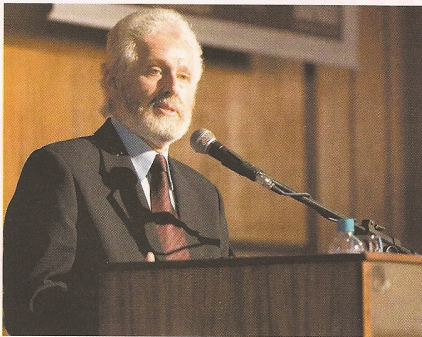
Oded Grajew: É um movimento ambi-

cioso, que pretende mudar o processo político brasileiro. Há um descrédito enorme nas instituições políticas, nos partidos, no Congresso, câmaras de vereadores. Tudo isso é muito ruim para o País, para a democracia. Nas campanhas eleitorais, o que se vê são "mercadólogos" que descobrem o que o eleitor quer ouvir e fazem programas para atender a esses desejos. As propostas são muito vagas, tratam genericamente de temas como violência, saúde e educação, além de alguns fatos pirotécnicos, como o furacão. E, no fim do mandato, não há como saber o que foi cumprido.

CC: Como é possível diminuir o distanciamento entre os eleitores e os eleitos?

OG: Movimentos como o nosso, que começa na maior cidade do País, podem ajudar. Ele foi inaugurado em maio e teve como base o que foi feito na Colômbia, em cidades como Bogotá, Medellín, Cartagena e Cali. Há o Rio Como Vamos e, em breve, também em Ilhabela (litoral paulista). É preciso comprometer a sociedade e os diferentes governos, de maneira sustentável. Isso é feito por meio de quatro eixos, com a montagem de uma base de indicadores para a cidade, o acompanhamento pelo cidadão das políticas públicas, a educação para a cidadania e a mobilização, para que os paulistanos façam parte do movimento e essa experiência se espalhe por outras localidades. Até o fim do ano queremos ter prontas as propostas para os dois primeiros eixos.

CC: O que mais chama a atenção na cidade?
OG: A marca do Brasil é a da desigualdade. E São Paulo representa bem os problemas dessa desigualdade, em



“Há um descrédito enorme nas instituições. Tudo isso é ruim para o País, para a democracia”



NO AR. O principal problema do diesel brasileiro é a quantidade de enxofre

STIVENIS DE OLIVEIRA

tudo, inclusive na distribuição e nas opções de cultura, de lazer. Por quê? Porque o processo político brasileiro produz desigualdade, porque a população fica alheia ao processo. Hoje, a maioria é eleita com recursos financeiros. Quem paga os políticos nas campanhas é a classe econômica dominante. E quem paga a campanha é quem tem poder sobre os políticos, que fazem política para quem os pagou. Aqueles que fazem política para os pobres são em número marginal. A cidade, por exemplo, é pensada para quem tem carro, não para quem depende de transporte público.

CC: Comemorar o Dia Mundial Sem Carro (sábado 15) é uma forma de chamar a atenção para o problema?

OG: Carro é a tradução da loucura do transporte individual, um caminho suicida para as cidades. Tudo é para favorecer os carros. Os juros são mais baixos para o financiamento, a indústria comemora o aumento da produção... São Paulo tem 5 milhões de carros e são 500 novos veículos por dia. A consequência disso é que todos os anos aumenta o congestionamento, o número de acidentes e de mortes, o problema da poluição. E, é claro, piora a qualidade de vida. Um dia de mobilização pode mostrar à população que há outras formas de lazer que não dependem do carro, com uma melhor ocupação dos es-

“O que a ANP faz é crime. Essa mistura (do diesel) é muito poluente e resulta em 3 mil mortes por ano”

paços públicos, com a criação de ciclovias e uma real discussão sobre a distribuição do lazer pela cidade. O modelo que São Paulo tem é insustentável.

CC: Por que o excesso de carros parece ainda não preocupar?

OG: Não é só a quantidade de carros que preocupa, mas a qualidade do combustível. A Agência Nacional do Petróleo (ANP) não dá demonstrações de que vai cumprir a resolução 315/2000, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), que determina a diminuição da quantidade de enxofre no óleo diesel. A mistura é muito poluente, tem um índice de enxofre bem acima do de países desenvolvidos. Isso resulta na morte de 3 mil vítimas por ano. O diesel do Brasil tem um teor de 500 ppm (partes por milhão) de enxofre. Se fosse feita a re-

dução para 50 ppm (proporção igual à da União Européia), haveria uma diminuição de 60% na emissão de poluentes. De acordo com o Conama, a nova mistura tem de ser feita a partir de 2009, mas a ANP não fez nada a respeito. O que a ANP faz é um crime. Essa é uma questão ética para os administradores públicos, no entanto, não há sinais de um posicionamento claro. Vamos levar o assunto à Procuradoria-Geral da República. Num primeiro momento, queremos saber da ANP o que será feito. Depois, pode ser até que a União seja responsabilizada pelos prejuízos à saúde das pessoas.

CC: Quais são as outras formas de população participar das mudanças?

OG: É preciso ficar de olho nas metas dos governantes, na forma como o orçamento é distribuído pelos diferentes setores. Só agora será possível em São Paulo acompanhar o que constituirá cada pasta. É uma forma de aumentar o comprometimento, de dizer à população “o problema também é seu”. O Movimento Nossa São Paulo é o movimento do óbvio, a criatividade é zero. Mas o que queremos é acreditar que pode ser de outra forma. Uma pesquisa feita no início do ano com os paulistanos mostrou que o sonho deles é não piorar. Tudo isso é muito preocupante, mas não quer dizer que seja irreversível. ■